

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
BÁSICA**

**PENSANDO (IN)VISIBILIDADES: A imagem dos povos indígenas na fotografia
brasileira**

Aline de Jesus Maffi

Bauru

2018

Maffi, Aline Jesus.

Pensando (in)visibilidades : a imagem dos povos indígenas na fotografia brasileira / Aline Jesus Maffi ; orientador: Macioniro Celeste Filho. - Bauru : UNESP, 2018

19 f. : il.

Produto educacional elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru
Disponível em: www.fc.unesp.br/posdocencia

1. Fotografia. 2. Sociedade moderna. 3. Educação básica. 4. Sociologia. 5. História. 6. Ensino. I. Macioniro, Celeste Filho. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. III. Título.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	227
INTRODUÇÃO	228
JUSTIFICATIVA	229
SEQUÊNCIA DIDÁTICA	230
CONSTRUÇÃO.....	230
Primeira aula.....	230
Segunda e terceira aula.....	232
Quarta aula.....	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	241
REFERÊNCIAS.....	242

APRESENTAÇÃO

A presente Sequência Didática resulta da dissertação de Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Nessa dissertação, denominada como “Entre visibilidades e (in)visibilidades: Os usos da fotografia no ensino de Sociologia e História”, verificou-se a necessidade de problematizar a construção da imagem dos povos indígenas através da fotografia, tendo em vista que, essas populações são invisibilizadas dos “Cadernos do Aluno” de Sociologia e História do Ensino Médio.

Diante disso, essa Sequência Didática se construiu com base no artigo “O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio”, de Fernando Tacca. Ela intenciona problematizar a construção da imagem dos povos indígenas, através da fotografia, com os estudantes do Ensino Médio, abordando a fotografia como um produto imaginário e, como tal, instrumento que comporta e propaga ideias.

Com intuito de problematizar a construção a imagem dos povos indígenas, esse material intercala atividades de exposição oral, diálogo, questões, pesquisa, análise de imagens e filme, dinâmicas, entre outros. Associando essas atividades à abordagem de Tacca, expressa no artigo mencionado nos parágrafos acima.

É importante salientar que esse material se trata de uma proposta desenvolvida durante o processo de construção da dissertação de mestrado, assim ele foi construído através de uma experiência pessoal. Diante disso, não propõe, em nenhuma medida, constituir-se como uma fórmula, que possa ser reproduzida e generalizada.

Todavia, acredita-se que essa Sequência Didática pode contribuir para a construção de práticas e reflexões acerca da construção da imagem dos povos indígenas através da fotografia. Na medida que propõe o descondicionamento do olhar dirigido a esses povos, através da reflexão de como esse olhar se construiu, expressando-se na fotografia, ao longo da História.

INTRODUÇÃO

A construção dessa Sequência Didática advém, diretamente, da experiência de elaboração da dissertação de mestrado, denominada como “Entre visibilidade e invisibilidades: Os usos da fotografia no ensino de Sociologia e História”. Através dela foi possível pensar que a fotografia pode visibilizar e invisibilizar determinadas narrativas, indivíduos e grupos. Diante disso, a ausência e presença de fotografias, sobre as diferentes populações indígenas nos “Cadernos do Aluno” de Sociologia e História, estão inseridas nessa perspectiva. Isto é, da invisibilização das populações indígenas. Essa ausência, também se constitui através da presença invisibilizada de fotografias sobre eles.

Dito isso, é importante salientar que a construção teórica da dissertação subsidiou o entendimento acima descrito, pois, como meio de questionar a generalização inconsciente sobre as diversas populações indígenas, expressa na fotografia, essa Sequência Didática intenciona problematizar com os estudantes a construção da imagem dos povos indígenas.

Ao refletir acerca da construção da imagem dos povos indígenas na fotografia brasileira, esse material intersecciona conceitos como representação, etnia, etnocentrismo, alteridade, entre outros.

Portanto, a partir da interação entre imagens e textos, essa Sequência Didática se constitui através de um processo dialógico, visando refletir sobre a generalização inconsciente acerca das populações indígenas, na medida que pensa a imagem como um processo imaginário, e, como tal, em constante construção.

JUSTIFICATIVA

A presença de fotografias no ensino é um fato, não apenas na educação escolarizada, mas também em outras instâncias da vida humana. Partindo desse contexto, a reflexão sobre o ensino de História e Sociologia, na contemporaneidade, relaciona-se à presença de imagens, entre elas a fotografia, nas práticas de ensino e, por sua vez, de aprendizagem.

Na medida que as imagens estão inclusas no contexto escolar, elas constituem práticas de ensino. Por vezes, interseccionando-se a categorias como poder, representação, identidade, entre outras. Diante disso, como linguagem, o visual integra-se às práticas de ensino.

Nesse contexto, a comunicação e a organização da dissertação de mestrado, acompanhou a construção da presente Sequência Didática. Essa por sua vez, constitui-se como uma ação educativa e comunicacional, visando refletir e fomentar a reflexão acerca da construção da imagem do indígena na fotografia, almejando aproximar essa abordagem da escola.

Diante disso, a compreensão dos pressupostos associados à construção da imagem dos povos indígenas, nessa Sequência Didática, visa contribuir para o descondicionamento do olhar acerca desses povos, na mesma medida que sugere a reflexão sobre como as imagens de diferentes etnias indígenas são mobilizadas, ou não, no contexto escolar.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

TÍTULO: PENSANDO (IN)VISIBILIDADES: A imagem dos povos indígenas na fotografia brasileira

DISCIPLINAS: História e Sociologia

TURMA: Ensino Médio

CONTEÚDOS: Povos indígenas na fotografia brasileira. Conceitos: representação, etnocentrismo, alteridade, etnia, entre outros.

RECURSOS: Cadernos, borracha, lápis, canetas, projetor, sala de informática e computadores.

CONSTRUÇÃO

Primeira Aula

Com o propósito de iniciar o diálogo com os estudantes, entendendo os seus conhecimentos sobre a temática, você pode propor a reflexão acerca da fotografia abaixo.

Diante dessa imagem, denominada como “Empatia?”, exponha a seguinte questão:

Segundo o filósofo e historiador da arte Didi-Huberman (2010), há uma relação entre o que vemos e o que nos olha, quando estamos perante uma imagem. Diante disso, como você entende o sentido da palavra empatia na fotografia abaixo?

Figura 1. MAFFI, Aline. **Empatia?**, Reserva Indígena de Araribá, Avaí/SP. 2015



Fonte: acervo pessoal.

O diálogo inicial, acerca dessa fotografia, visa compreender e instigar algumas percepções dos estudantes acerca dos povos indígenas, após a reflexão, construída conjuntamente, sobre as percepções apresentadas por eles, ofereça a seguinte definição de empatia:

A palavra empatia tem a sua origem associada ao termo grego empatheia, que pode ser traduzido como paixão. Na condição de conceito, como sugere Brolezzi (2014), ele pressupõe a compreensão das manifestações humanas relacionadas ao conhecimento do outro, envolvendo também as suas ideias e sentimentos.

A partir da definição de empatia apresentada acima e das percepções expostas pelos estudantes no diálogo inicial, recomende que os estudantes se

organizem em pequenos grupos – constituídos mediante a percepção e vivência da empatia – e escrevam, coletivamente, uma análise da fotografia acima.

Em seguida, convide os estudantes a compartilharem as suas percepções sobre a fotografia analisada, visando entender as suas contribuições e possibilidades narrativas apresentadas.

Pesquisa:

Como meio de contextualizar os conceitos que serão trabalhados durante as próximas aulas, é importante sugerir que os estudantes pesquisem os seguintes conceitos:

Representação

Etnia

Você também pode sugerir que os estudantes pesquisem sobre as etnias indígenas que vivem no Brasil.

Segunda e terceira Aula

Sala de vídeo

Após retomar a abordagem construída na primeira aula, relembrando às percepções expressas pelos estudantes, a explanação do conteúdo prossegue.

Como meio de iniciar a construção do conteúdo proposto, apresente o fragmento da entrevista concedida por Daniel Munduruku, ao coletivo “O Nonada – Jornalismo Travessia”.

“Peço licença para entrar no território de vocês. Eu venho questionar esse olhar quadrado que o ocidente desenvolveu e que exclui olhares circulares”.

Munduruku, Daniel. “Eu não sou índio, não existem índios no Brasil”. In: O Nonada – Jornalismo Travessia. <http://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>

A partir desse trecho, é possível trabalhar o olhar como uma construção social e, diante disso, refletir sobre as concepções apresentadas pelos estudantes.

Pergunta 1

O que você comprehende por “olhar quadrado”, desenvolvido pelo ocidente, em oposição aos “olhares circulares”? Justifique a sua resposta.

Além desse trecho, você pode apresentar a fotografia abaixo (Figura 2) “Seria uma estátua?”, em analogia a camiseta utilizada pelo personagem. Diante dela, você pode sugerir aos estudantes a necessidade de “abrir a imagem, abrir a lógica”, como sugere Didi-Huberman (2013), visando pensar às possibilidades expressivas que essa fotografia pode apresentar.

Você pode questionar a legenda da imagem, assim como o seu conteúdo, levantando às percepções dos estudantes.

Figura 2. Maffi. Aline. "Seria uma estátua?". Reserva indígena de Araribá. Fotografado: Seu Cassiano. 2015.



Fonte: acervo pessoal.

A construção dos conteúdos que serão trabalhados abaixo parte do artigo “O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio”, de autoria de Fernando Tacca.

É importante apresentar uma definição de **representação**, discutindo com os estudantes os usos desse conceito. Sugere-se que ele seja trabalhado a partir da perspectiva de Chartier (2011), no artigo em “Defesa da noção de representação”, ou, a partir da perspectiva de Becker (2009), no livro, “Falando da Sociedade”.

Dito isso, é necessário contextualizar o conceito em questão, para que o seu sentido não seja esvaziado e para que a fotografia não seja concebida como uma imagem da “realidade”.

A imagem do indígena na fotografia brasileira: primeiro momento, Segundo Império/1840-1889.

Voltando à imagem dos povos indígenas na fotografia brasileira, para Tacca (2011) desde o reconhecimento da fotografia, em 1839, a imagem dos povos

indígenas manifesta-se nessa linguagem a partir de três momentos. Diante disso, em um primeiro momento, o indígena é representado no lugar do exótico. Essa primeira abordagem ocorre no Segundo Império/1840-1889.

Mediante essa primeira percepção, problematize com os estudantes a noção de “exótico”, questionando o processo de construção do olhar sobre os povos indígenas através da fotografia.

Com intuito de levantar às percepções dos participantes, você pode sugerir a seguinte questão.

Pergunta 2

O que você comprehende por exótico?

Diante das concepções apresentadas, é importante questionar a associação da imagem dos povos indígenas a noção de exótico, construindo com os estudantes o conceito de **etnocentrismo**.

Também se faz necessário enfatizar que, as formas de perceber o outro, nessa primeira abordagem destinada aos povos indígenas através da fotografia, estão associadas ao binarismo civilizado X selvagem. Nesse contexto, o conceito de **alteridade** pode ser apresentado como um meio de questionar essa percepção.

Explique aos estudantes como as concepções da Antropologia física, fundamentadas no discurso das ciências biológicas, a partir de uma perspectiva evolucionista, fundamentaram o olhar para diferentes povos.

A antropologia física, como começou a ser chamada quando surgiram às ramificações, era considerada por Paul Broca, um de seus fundadores, a história natural do gênero Homo. Assim, era natural que o seu discurso fosse fortemente influenciado por conceitos biológicos e, especialmente, por paradigmas evolucionistas. As diversidades do comportamento humano e de desenvolvimento social, constatadas em diferentes sociedades humanas, levavam os antropólogos a buscar explicações científicas. Estas eram baseadas em um determinismo biológico (LARAIA, 2005, p.322).

Você pode apresentar trechos do artigo “O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio”, para referenciar a construção do conhecimento. Mencionando como as populações indígenas foram coisificadas a partir desse “olhar quadrado” ocidental, problematizado por Daniel Munduruku.

Segundo Marco Morel (2002), “a presença desses ‘selvagens’ causou ebullição no meio intelectual parisiense. Foram tema de relatórios e acalorados debates na sessão de verão da Academia de Paris em 1843. Depois da discussão acadêmica, a decodificação: apalpados, medidos e enquadrados nos cânones do discurso institucional da antropologia física”. (TACCA apud MOREL. 2011. p. 192).

É importante destacar que, nesse período, a fotografia era veiculada como sinônimo de modernidade, inovação e progresso, diferentemente das concepções veiculadas sobre as populações indígenas. Assim, às fotografias desse período exaltavam visões estereotipadas dos povos indígenas, concebendo esses povos como “exóticos” em oposição ao sentido de modernidade.

De tal modo, diferentes grupos étnicos foram categorizados, em uma perspectiva colonizadora, como botocudos. Acerca disso você pode apresentar outro trecho do artigo de Tacca (2011),

Os leigos que observarem esses conjuntos fotográficos podem ser iludidos com a falsa noção de que os nossos primeiros habitantes eram todos de uma etnia chamada Botocudo, uma vez que somente os mesmos aparecerem nas imagens. Os portugueses nomeavam vários grupos que usavam botoques labiais e auriculares dessa forma, e assim incluíram etnias diversas, grupos linguísticos diversos como Botocudo, entre eles Kaigang, Xocleng, Krenak e Xetá. (TACCA, 2011, p.199).

Diante do exposto acima, apresente a fotografia abaixo (Figura 3). Através dela, solicite que os estudantes escrevam um relato sobre como eles acreditam que essa fotografia foi construída, tentando imaginar e conceber o processo imaginário por trás de uma imagem.

Figura 3: Índios botocudo, 1843, daguerreótipo de E. Thiesson (Musée de l'Homme).



Figura: <http://djweb.com.br/historia/imgResistencia/1.html>.

Ao conceber a fotografia a partir da perspectiva do imaginário, é importante apontar a **generalização** de um **imaginário** sobre os **povos indígenas** nas fotografias produzidas no Primeiro Império. Essas, por sua vez, produziram uma generalização do inconsciente sobre esses povos.

Segundo momento de construção da imagem dos povos indígenas na fotografia

Um segundo momento da construção da imagem dos povos indígenas na fotografia brasileira ocorre até meados do século XX. Nele, “as fronteiras entre o etnográfico e o nacional se diluem”, sob o prisma da “ocupação simbólica do território” (TACCA, 2011, pag.191).

Para contextualizar essa perspectiva, você pode discutir os trechos abaixo com os estudantes,

No começo do século XX anunciam-se mudanças no trato fotográfico com as populações indígenas, principalmente as da ampla produção fotográfica da Comissão Rondon. [...]. As ações de reconhecimento e mapeamento das terras e rios brasileiros efetuadas pela Comissão estenderam-se por mais de 50 mil quilômetros. Colocaram Rondon frente a frente, no sertão, com vários grupos indígenas que tinham pouco contato com a 'civilização', levando-o a criar, em 1910, o Serviço de Proteção ao Índio e Localização do Trabalhos Nacional (SPILTN), depois alterado para Serviço de Proteção ao Índio (SPI), como ficou mais conhecido. Em uma de suas principais ações, Rondon chefiou a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, encerrada somente em 1916. O SPI esteve ligado ao Ministério da Agricultura e trazia a ideia de integração das populações indígenas ao processo produtivo nacional. Influenciado fortemente pelo positivismo, Rondon deu uma característica fortemente humanística às atividades do Serviço, que em 1964 foi transformado em Fundação Nacional do Índio, em operação até os dias atuais. (TACCA, 2011, p.204 -205).

Rondon preparava vários álbuns fotográficos das atividades da Comissão e os enviava para as autoridades mais importantes do governo brasileiro. Os álbuns, os artigos publicados nos principais jornais do país e principalmente as apresentações dos filmes seguidas de conferências, funcionavam como uma espécie de *marketing* pessoal e uma forma de persuasão para a continuidade das atividades da comissão. Visavam principalmente a elite urbana, sedenta de imagens e informações sobre o sertão brasileiro, e principal grupo formador de opinião. Assim, Rondon alimentava o espírito nacionalista construindo etnografias de um ponto de vista estratégico e simbólico: a ocupação do oeste brasileiro através da comunicação pelo telégrafo, pela visualidade da fotografia e do cinema mudo.

O cruzamento entre filmes e fotografias foi uma prática inovadora na produção da Comissão Rondon e a segunda categorização se dá no campo da pacificação, quando imagens demonstram um índio dócil e sujeito a mudanças pelo avanço civilizatório. Constrói-se assim uma imagem de sujeição e não de impedimento à ocupação territorial. No filme *Ronuro: selvas do Xingu* (1932), captado em 1924, assim como na hibridização da narrativa impressa com fotografias, a natureza imagética aparece como a exploração do território e a criação de um índio genérico, vestido ao final com roupas 'civilizadas'; uma existência por semelhança, afinal não estavam nus. (TACCA, 2011, p.206- 207)

Diante da perspectiva apresentada acima, proponha a seguinte questão,

Pergunta 3

Existe alguma relação entre o projeto de “modernização” do país, em pauta nas décadas iniciais do século XX, com a construção e propagação de uma imagem “genérica” dos povos indígenas a partir da Comissão Rondon?

A partir das percepções apresentadas pelos estudantes, é importante contextualizar essa perspectiva de inclusão das populações indígenas às “forças produtivas” nacionais, desenvolvida pela Comissão Rondon, como parte do propósito de expansão do projeto de “modernização” do país, empreendido pela Comissão.

Como encerramento dessa atividade, você pode exibir cenas de “*Ronuro: selvas do Xingu (1932)*”, solicitando que os estudantes elaborem uma análise, sobre as suas impressões, acerca da imagem que esse documentário constrói sobre os povos indígenas.

É importante salientar como, historicamente, foi construído um imaginário coletivo sobre os povos indígenas, ressaltando como esse imaginário se expressa nas fotografias.

Quarta aula

Sala de informática

Terceiro momento

Tacca (2011) ressalta que as fotografias de Claudia Andujar manifestam uma **etnopoética**, interseccionando o **etnográfico** e a **arte contemporânea**.

Atividade

Você pode sugerir que os estudantes pesquisem o trabalho fotográfico de Claudia Andujar, escolhendo uma de suas fotografias. A partir dela, proponha que eles compartilhem às suas impressões com a classe sobre como os povos indígenas

aparecem nas fotografias escolhidas. É necessário que os estudantes contextualizem a fotografia escolhida.

Através do trabalho fotográfico de Claudia Andujar, é possível trabalhar com os estudantes as possibilidades **expressivas** e **reflexivas** da fotografia, refletindo sobre as diferentes abordagens destinadas às populações indígenas nos três momentos citados por Tacca (2011).

Após esse momento, apresente o seguinte trecho do artigo trabalhado:

Claudia Andujar é um exemplo de obra fotográfica diferenciada, realizada ao final do século XX, que adentra um campo situado entre as artes visuais e o etnográfico. Sua inserção principal deu-se com a obtenção de duas bolsas de trabalho na Fundação Guggenheim, de Nova York, para uma pesquisa fotográfica sobre o grupo indígena Yanomani, entre 1972 e 1974. Como resultado, publicou o livro *Yanomami: frente ao eterno* (Andujar, 1978), composto de 38 fotografias em preto e branco com intensos jogos de luz e sombra, retratos que ultrapassam a mera descrição e remetem a uma relação atemporal dos índios, uma busca de intensidades interiores para além da fotografia documental. Suas fotos participaram e foram a face midiática das ações da Comissão de Criação do Parque Yanomani (Comissão Pró-Índio), que lançou o livro *Genocídio do Yanomami: morte do Brasil* (1988). As imagens, com sons captados em campo, se tornaram um fotofilme pelas mãos de Marcelo Tassara, *Povo do Sangue, Povo da Lua* (1988), marcante pela intensidade de luz nas fotos de Andujar e pela denúncia das condições de vida dos Yanomami após o contato com garimpeiros e com trabalhadores da estrada aberta no habitat do grupo. O filme tem vida própria, com as fotografias ganhando animação, e ao chegar à televisão tornou-se forte instrumento de conscientização sobre a importância da reserva Yanomami. Não somente uma fotografia bruta e cruel das condições de vida decadente nos agita a alma, mas também as luzes que podem ser os elementos da vida. (TACCA, 2011, p.206- 217)

É importante contextualizar que, a percepção apresentada nessa Sequência Didática, trata-se da abordagem construída por Tacca (2011). Esse autor chama atenção para a construção de um imaginário acerca das populações indígenas através da fotografia, ressaltando três momentos em que essa construção acontece. Todavia, é importante destacar que esses momentos de representação, apresentados pelo autor, não são lineares e, portanto, não se excluem.

Também se faz necessário destacar que, atualmente, projetos como “vídeos nas aldeias” estão associados à produção de fotografias e vídeos pelas populações indígenas. Assim, na medida que as populações indígenas protagonizam produções visuais sobre si próprias, há um questionamento, gradual, desse imaginário construído historicamente sobre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto acima, espera-se que essa Sequência Didática possa contribuir para o descondicionamento do olhar direcionado aos povos indígenas. Pois, na medida que o olhar é uma construção social, a reflexão sobre o seu processo de construção é indispensável para a proposição de novos olhares, no que concerne a imagem construída sobre os povos indígenas através da fotografia.

Frente a isso, a reflexão sobre as invisibilidades intencionais e a generalização da imagem dos povos indígenas, constitui-se como uma ferramenta de visualização dessa problemática, construída durante um longo processo histórico e incorporada pela educação escolarizada.

Assim, espera-se que esse trabalho possa contribuir para o questionamento desse “olhar quadrado”, que objetifica as populações indígenas, construído pelo ocidente sobre essas populações, instigando novas possibilidades de olhar.

REFERÊNCIAS

- BECKER, H. S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2009.
- BROLEZZI, Antonio Carlos. Empatia em Vygotsky. In: **Dialogia**, São Paulo, n. 20, p. 153-166, jul./dez. 2014.
- CHARTIER, Roger. Defesa da noção de representação. In: **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Editora 34, São Paulo, 2010.
- TACCA, Fernando de. O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio. In: **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.191-223.